

A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS E A PRODUÇÃO ESCRITA: APRENDIZAGEM COMPARTILHADA EM AMBIENTE DE RECLUSÃO.

Marilurdes ZANINI (DLE/PLE/UEM)

0 – Introdução

“A literatura é (...) um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 1985:74).

A convicção de que o trabalho com a linguagem literária pode criar uma atmosfera favorável à ressignificação da identidade de presidiários fez surgir o projeto Literatura, Leitura e Escrita: A Ressignificação da Identidade de Indivíduos em Situação de Exclusão Social.

De natureza bibliográfica e aplicada, o objetivo do projeto, desenvolvido na Penitenciária Estadual de Maringá – PEM, é verificar a importância do trabalho com textos literários e imagens para a ressignificação da identidade daqueles indivíduos. Aproxima a leitura e a escrita em atividades que oportunizam aos participantes ter um contato prazeroso com os textos, incentivando-os a compartilhar experiências pela linguagem em diálogos estabelecidos no grupo e por meio da publicação de seus textos em uma antologia a ser organizada pelos professores e alunos da graduação e da pós-graduação que integram o projeto.

As atividades que estabelecem a interação entre esses indivíduos que se encontram em situação de exclusão social e o texto literário solidificam o entendimento da literatura como fator de equilíbrio psíquico e social, uma vez que se tornam momentos de satisfação das suas necessidades de ficção e de fantasia, quer na recepção quer na produção de textos, reconhecendo-se como seres humanos – sujeitos – mesmo neste ambiente de reclusão. Essas atividades, a que denominamos oficinas, são organizadas em etapas que objetivam a leitura e a produção textual. Nelas, os sujeitos compartilham idéias, experiências, conhecimento de mundo, porque são motivados pela leitura a produzirem textos orais e escritos com os quais se sintam emocional e expressivamente envolvidos, porque têm: a) o que dizer; b) uma razão para fazê-lo; c) um alguém para quem dizer; d) e encontram estratégias que lhes permitem realizar o intento com eficácia.

O projeto se reveste, pois, de uma visão humanizadora de língua e de literatura que vê o homem na linguagem e a linguagem no homem, indissociavelmente relacionados, espelho e reflexo um do outro.

Nesta comunicação, recortamos a escrita, para enfocá-la numa visão que evidencia a contribuição da leitura e da produção de textos para a ressignificação das experiências de vida de sujeitos em situação de reclusão.

Ao abordar a escrita num processo de produção que abrange o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos seus objetivos – as oficinas – esta comunicação reporta-se ao processo para focalizar o produto, mediante a análise de dois textos do mesmo sujeito – um produzido na fase inicial e outro, na fase adiantada do

projeto. A análise centra-se nas estratégias de organização da coerência textual de que se vale o sujeito, para, em termos comparativos, apontar marcas reveladoras de uma escrita em que o sujeito compartilha pela linguagem a ressignificação de experiências vivenciadas antes de sua vida de reclusão graças à ampliação da sua visão de mundo. Para isso, reveste-se das teorias que sustentam o projeto e especificamente orienta-se pelos pressupostos da Lingüística Textual (Koch, 2002).

1 – Oficinas de leitura e de produção textual: uma concepção.

A concepção de oficinas assumida no projeto orienta tanto as oficinas de leitura de textos literários como as de produção textual, já que aquelas se constituem em condições necessárias para que estas aconteçam.

As oficinas são situações de interação entre os sujeitos, atividades compartilhadas, cuja concepção de leitura entende que a apreensão do significado de um texto se dá pela interação autor-leitor e a concepção de escrita como trabalho; ou seja, um processo em que o autor se envolve num contínuo refazer-se, elaborando o seu conhecimento de mundo, de língua e de si mesmo. Isso implica dizer que, na produção textual, os fatores “social/individual, alteridade/subjetividade, cognitivo/discursivo coexistem e condicionam-se mutuamente” (KOCH, 2002:24), tornando-se responsáveis pela ação dos sujeitos nos jogos de atuação comunicativa ou sócio-interativa.

1.1 – Oficinas de produção textual: teorias sustentadoras.

As oficinas de produção textual têm sustentação: a) na Teoria da Enunciação, que, orientada pelos princípios filosóficos de Bakhtin, atribui à linguagem caráter dialógico; b) na Teoria dos Atos de Fala, embasada no entendimento de que todo dizer é um fazer, ancoragem para refletirmos sobre as ações humanas realizadas através da linguagem; c) na Pragmática, ao considerar que as intenções do autor são marcadas pelo grau de consciência com que utiliza os recursos lingüísticos para o convencimento, permite-nos ver o autor face aos seus objetivos e ao seu leitor; d) na Análise do Discurso (AD), de linha francesa, por considerar a exterioridade lingüística, ou seja, por focalizar as condições de produção do texto; e) na Lingüística Textual porque toma o texto como objeto precípuo de estudo, abordando-o como um produto lingüístico garantido por certas regras estruturais em busca da construção de sentidos, o que implica a reflexão sobre o funcionamento da língua nas diversas situações de interação verbal, sobre o uso dos recursos lingüísticos face à concretização de sentido e adequação dos textos a cada situação. São teorias que, com suas peculiaridades, focalizam o humano, o histórico, o dialógico, o social, como intrínsecos à própria natureza da linguagem, ao enfatizarem a observação da linguagem em sua concretização.

1.2 – Texto e contexto: a busca pela construção do sentido.

As situações de interação verbal criadas pelas oficinas de produção textual impulsionam os sujeitos a refletirem sobre o funcionamento da linguagem e sobre a adequação do texto ao contexto em que veiculará. Nesse contexto, inserem-se os sujeitos da comunicação e as condições segundo as quais o autor produzirá o seu texto, face ao leitor a que se destina. Dessa forma, os sentidos do texto são

construídos pela interação autor-leitor que procuram nesse espaço pistas sobre o que se diz, para quem se diz, por que se diz, a razão por que se diz, quando e como se diz. Sendo assim, os sentidos do texto não são construídos dissociados do contexto de produção. Isso e mais a aceitação de que o texto não é totalmente explícito justificam as múltiplas leituras atribuídas para um único texto. O leitor constrói sentidos proporcionalmente ao seu saber acumulado; por isso, os sentidos atribuídos estarão tanto mais próximos das intenções do autor quanto maior for esse saber.

1.3 – Leitura do texto literário e produção textual: projeto aglutinador de atividades intelectuais e sociais.

O texto literário é importante para despertar o interesse pela leitura e pela escrita. Graças à sua natureza lúdica, na leitura o sujeito o explora com inventividade; conseqüentemente, na escrita, ao explorar outras formas de ver o mundo, os sujeitos produzem novos textos, nos quais expõem a sua (nova) visão de mundo. Dessa forma, o texto literário torna-se um espaço altamente favorável para os sujeitos se encontrarem, estabelecerem relações de interlocução e ressignificarem suas visões de mundo e de vida. Essa compreensão permite aceitar que a organização do texto se faz pela relação cooperativa entre autor e leitor, ou seja, pela interação. Autor – texto – leitor tornam-se, pois, o tripé da atividade comunicativa.

1.4 – Leitura de textos literários e produção textual: atividades marcadas pelo prazer.

A leitura de textos literários e de imagens proporcionada pelas oficinas de leitura, que antecedem as de produção textual, leva os sujeitos a observar o contexto: o mundo, as pessoas, os acontecimentos, os lugares, os sentimentos, as ações do indivíduo. A observação desses elementos, no texto e nas imagens, leva-o também a refletir sobre tudo o que o rodeia, a estabelecer relações entre os elementos, a descobrir características segundo as quais é possível agrupá-los, organizando-os num todo significativo capaz de trazer o outro para a ação comunicativa. Passa, então, a refletir sobre como associar formas lingüísticas aos conhecimentos do parceiro da interação. Questiona e questiona-se. Estabelece objetivos, avalia-os, traça um projeto e o segue de forma que o leitor construa um sentido o mais próximo daquele desejado.

Esse processo de ensino-aprendizagem abarca atividades que favorecem aos sujeitos compartilharem a visão que têm do presente e as projeções para o futuro.

1.4.1 – Oficinas de leitura e de produção textual: atividades compartilhadas em busca da ressignificação da identidade dos sujeitos.

O projeto em que se ancora esta comunicação considera, como ponto de partida, o princípio de que a leitura de textos literários é uma atividade privilegiada, na qual a liberdade e o prazer são ilimitados. Por essa razão, entende que a recuperação do hábito de leitura e de escrita, assim como em outros, em ambiente de exclusão social depende da dinamização do processo, encetada pelos participantes – professor e alunos.

No que tange à leitura, os preceitos valorizadores da recepção respaldam a posição assumida de que a leitura intenta estabelecer coerências significativas entre os signos e inclui a modificação tanto das expectativas do leitor quanto da informação armazenada em sua memória.

No que tange à escrita, esses preceitos são considerados quando reconhecemos que a escrita cumpre a sua função social, ao configurar-se em textos, espaços nos quais alguém fala sobre algo para outro alguém, sem perder o foco do contexto de produção. Por isso, guia-se por um projeto do autor gerado a partir de etapas – leitura, interação entre os sujeitos, plano, escrita, intervenção mediada e reescrita.

1.4.2 – Contextualizando o processo.

A retomada das etapas das oficinas, entrelaçadas entre si, situa-nos no processo, contexto para compreensão dos textos produzidos. São elas:

- a) Oficinas de leitura.
- b) Elaboração de um plano (projeto) de escrita, orientado pelos questionamentos básicos: O que escrever? Por quê? Para quem? Como?
- c) Escrita do texto em tantas versões quantas forem necessárias para cumprir o plano traçado.
- d) Reflexão compartilhada pelos participantes, centrada no texto produzido.
- e) Discussão sobre a adequação do texto aos objetivos pretendidos, à função que desempenhará no contexto social.
- f) Reescrita, focalizando a funcionalidade do texto, segundo as condições de produção.

Cada uma dessas etapas, seqüentes, envolve uma série de atividades, programadas e também criadas de acordo com as necessidades surgidas no processo. Eram esses momentos de interação ocorridos dentro de salas-celas da Penitenciária Estadual de Maringá – PEM que permitiam aos sujeitos a ressignificação da sua identidade, porque lhes favoreciam, na prática, o acesso a outras visões de mundo e a outras concepções de ensino, de texto e de escrita.

1.4.2.1 – Nas coletâneas, as visões de mundo dos autores sobre um mesmo assunto.

Os textos que compõem as coletâneas oferecidas aos detentos, nas oficinas de leitura versam as etapas da vida humana: a infância, a juventude e a fase adulta; assuntos tratados, respectivamente, na 1ª., 2ª. e 3ª. oficinas de leitura e de produção textual.

A título de exemplo, trazemos aqui somente a 1ª. coletânea.

A 1ª. coletânea – infância – reuniu textos selecionados pelos professores e alunos da pós-graduação, integrantes do projeto:

Menino Grapiúna, de Jorge Amado;

Infância, de Carlos Drummond de Andrade;

Meus oito anos, de Oswald de Andrade;

Criança, de Cecília Meireles;

O herói, de Domingos Pellegrini;

Minsk, de Graciliano Ramos;

Biruta, de Lygia Fagundes Telles.

Nas atividades compartilhadas, os sujeitos conscientizam-se de que o texto só se constrói para e com o outro.

O texto literário no projeto considera os envolvidos – indivíduos em situação de reclusão e de exclusão social, visto que, quer na leitura quer na produção, procura satisfazer as necessidades de ficção e fantasia, de formação desses sujeitos, levando-os a se reconhecerem como seres humanos no mundo em que são lançados.

2 - No texto escrito, a ressignificação da identidade.

As atividades de produção textual, nesse contexto, constituem-se em atividades guiadas pelo prazer da criação. Assim, a ressignificação da identidade nos textos escritos pode ser marcada pela abordagem que o autor faz do tema a ser tratado, pela consideração ao plano que traçou para organizar o seu texto, pela atenção às condições de produção que lhe permitiram traçar esse plano, pelo seu envolvimento com o texto, aspectos estes marcados por estratégias de que o autor se vale para garantir coerência ao texto.

Nossa análise, em consonância com os objetivos do projeto e das oficinas de escrita, focaliza os modelos cognitivos de contexto, como estratégias de manutenção da coerência, evidenciados nos textos selecionados para este trabalho.

Textos estes selecionados não por acaso, mas porque foram produzidos por um autor que trazia formas de tematização e de organização textual engessadas por uma escolarização formal, tradicional.

O primeiro deles se apresenta coerente, coeso, gramaticalmente bom, impregnado de subjetividade e até de romantismo. É um texto que cumpre a sua função de texto escrito – e muito bem – na e, principalmente, para a escola. Surge desconectado das condições criadas para a sua produção. Independentemente das oficinas de leitura e da produção de que participou o autor, o primeiro texto a ser analisado de L.F. (identificação aleatória do seu autor), se apresentaria da mesma forma: com as mesmas qualidades e os mesmos defeitos.

O segundo marca a “transformação” do autor L.F., pois nele o autor interage, compartilha experiências e as ressignifica.

2.1 – No primeiro texto, a indiferença.

Neste espaço, resgatamos as passagens mais significativas, para a análise do texto “A Virada” de L.F.

Em “A Virada”, apesar de recuperar lembranças de sua vida, tema apreendido pelos participantes das oficinas de leitura e negociado para a produção de textos, não o aborda na fase da infância, conforme a antologia de textos literários focalizava. Não porque nas leituras tivesse se afastado das discussões e deixado de apresentar a sua posição face aos temas abordados pela antologia; mas, sim, porque a sua preocupação naquele momento foi mostrar o conhecimento adquirido, apoiando-se em modelos cognitivos sem a intenção de relacioná-los com as visões de mundo dos autores lidos:

“A barca que nos levava até a Ilha do Mel estava cheia de turistas e o clima era de confraternização”.

“Os preparativos para a virada eram feitos. Aquela noite seria inesquecível. A famosa tranquilidade da Ilha estava quebrada por um frenesi contagiante”.

L.F. revela-se repleto de experiências compatíveis com a idade que tem (dos participantes é o mais velho. Está com mais de cinquenta anos. Como ele diz: “é o mais experiente”). Seu texto, assim como as passagens que ora o representam, apresenta um fio condutor que garante coerência, porque revela fatos que ocorreram numa “virada” de ano novo. Relata fatos organizados linearmente entre si, mas não os ressignifica. Deixa-os intactos como aconteceram e no tempo em que ocorreram:

“Estavam comigo minha esposa, nossos filhos, nora e um neto”.

“Não tardou muito e meu neto adormeceu. Tive que carregá-lo nos ombros até voltarmos para casa”.

A organização do seu texto é orientada por *frames*, *cenários*, *esquemas* e *modelos mentais* assimilados em situação de ensino-aprendizagem no contexto escolar em que se deu a sua formação. O texto de L.F. mostra que o seu autor não se deixou invadir pelas situações criadas pelas oficinas de leitura e de produção:

“Era quase final de tarde quando chegamos ao Pontal, na véspera da virada para o ano 2000”.

“Uma data feita para não esquecer, de maneira que me cerquei de tudo aquilo que mais gostava para usufruir ao máximo. Já estava numa idade onde começam a aparecer problemas e um pensamento me levava a procurar repouso e sossego”.

À medida que expande o texto, aflora um romantismo já cristalizado e textualmente organizado, marcado por esquemas, modelos cognitivos, que monitoram o conteúdo semântico do texto, mas que não evidenciam o modelo cognitivo de contexto, já que L.F. fez um plano – etapa da oficina que antecedeu a produção – em que cada participante estabelecia e discutia respostas para estas questões: o que escrever? Por que escrever? Para quem escrever? Como escrever? Onde e quando aconteceram os fatos que serão apresentados no texto?

Entretanto, L.F. afastou-se do plano que apresentou ao grupo e pôs-se a escrever, produzindo um texto que torna o seu conhecimento visível, na recuperação de cenários e de modelos já assimilados de organização textual. Preocupa-se com as informações, descritas, narradas, mas não com a interação:

“Depois da uma da madrugada todos se separaram. Minha nora ficou com o filho e eu e minha amada saímos para um passeio a sós. O vento era um rugido só nas nossas cabeças”.

“Ficamos muito tempo calados, não muito longe da praia. “O paraíso é aqui” pensei, e sorri de mim para mim mesmo. A lua, as luzes brincando na praia, atirando à noite milhões de lampejos. Era tudo tão calmo, tudo maravilhosamente tranqüilo”.

“Muito tempo depois, mortos de cansados, saímos da água, gratos por estarmos a sós. Sentamos na areia, ficamos conversando sobre nós e nossos filhos. Falei do prazer de tê-la como companheira e amante. Falei também que adorava o jeito dela ser, da sua alegria, do seu jeito de falar, da sua cumplicidade

e daquele seu sorriso que se recusava a sair do rosto. Mesmo quase uma cinquentona não perdera o seu jeito doce de ser”.

L.F. tem sua escolarização tradicional marcada no texto. Já, nessa primeira produção, organiza-o internamente com consciência para o professor, de quem espera uma avaliação, conforme ele mesmo sinalizou nas oficinas. Parece, por isso, que não vai permitir muita interferência externa, ou seja, aquela provocada pelas leituras dos textos que apresentamos em coletâneas nas oficinas, nem pela mediação do professor que valorizava as condições de produção e a sua importância na produção do texto escrito.

Embora sempre se tenha mostrado muito interessado nos encontros em que ocorreram as oficinas, dava-nos indícios de que lia muito e “já sabia escrever e muito bem”. Queria de nós não mais que uma “avaliação” dos seus textos. Sua postura era a de mostrar o que trazia de outras experiências de ensino e não a de realmente refletir sobre as novas visões reveladas pelos autores lidos. O texto torna-se espaço para tornar visível o conhecimento que detém do sistema lingüístico, pela seleção vocabular, metáforas e organização frasal:

“Fogos pipocavam sem parar. Brindes, orações, abraços. Muitos beijos. Meu neto e minha mulher olhavam fascinados o céu.” (L.F.)

“Estaríamos sós, se não fossem as gaivotas” (L.F.)

Para os objetivos do projeto, embora o texto de LF tenha se constituído numa manifestação verbal em que os elementos lingüísticos parecem ter sido intencionalmente selecionados e ordenados, não é revelador de uma ressignificação de seu autor. Não se deixou envolver pelo modelo cognitivo de contexto que permeou as oficinas de que participou até o momento dessa produção, uma vez que não considerou o evento comunicativo na sua totalidade. Recuperou lembranças, sem associá-las às novas visões ou ressignificá-las:

“Dormiu finalmente. Fiquei vagando por perto, só com meus pensamentos. Quando ela acordou a noite já era finda. Uma única gaivota nos rondava, como a testemunhar um momento de grande prazer.

Quando voltávamos, o dia já estava claro. As gaivotas nos olhavam com os olhos dourados do sol”.

Do ponto de vista textual, o texto parece ser coerente, pois não apresenta contradições comprometedoras de sentido nos campos semântico, sintático, temático e superestrutural. Porém, nele não se observa nenhuma modificação ocasionada pelas circunstâncias de produção, o que o afasta dos objetivos do projeto e das oficinas que o originaram.

2.2 – No texto 2, a ressignificação da identidade.

L.F., no texto produzido em fase mais adiantada do projeto, envolveu-se nas atividades, procurou satisfazer as necessidades de ficção e de fantasia, mas agora, procura observar e refletir sobre os fatos e as visões de mundo proporcionadas pelas leituras dos textos de outra coletânea, que abordavam a vida adulta do homem. Percebeu numa situação real de interação pela escrita que a produção do texto é monitorada por condições que envolvem desde os papéis e as relações sociais dos participantes do evento comunicativo, passando pelos objetivos, atitudes e ideologias, gêneros textuais e variedade de língua até as circunstâncias e o contexto de interação. Neste segundo texto, em que L.F.

recupera o passado, lembranças e faz reflexões sobre fatos e comportamentos num balanceamento entre o explícito e o implícito monitorado por um plano em que as condições de produção são consideradas. Percebe-se o trabalho com uma outra variedade de língua que, conscientemente, procura um leitor fora da escola, com quem tem a intenção de interagir, expondo-se como sujeito:

“Tem dias na vida da gente que não deveriam nem amanhecer”.

“Me olho no espelho e não me reconheço”.

“... pareço mais velho do que realmente sou. A raiva às vezes me serve de lenitivo e me dá um pouco de confiança”.

L.F. procura interagir com os participantes – sujeitos em situação de reclusão como ele, mas com menor escolaridade. O grupo era bem heterogêneo, já que a única exigência para integrar o projeto era ser alfabetizado.

Ao trazer à tona lembranças que parecem se associar à sua situação de reclusão, L.F. ressignifica-as com consciência, sem explicitamente tentar justificar a sua situação de reclusão. Antes, L.F. se reconhece como ser humano no mundo em que é lançado:

“E fico a pensar nas muitas loucuras de anos atrás, os confrontos com adversários, e no que resultou tanta inconseqüência”.

Ele interage com um interlocutor real – o ser humano que erra e paga por seus erros, consciente de suas limitações diante dos acertos. Neste texto, ele valoriza o contexto, considera o que, a quem, para que e como dizer, quando nos jogos de linguagem “lança” o leitor a um contexto de “loucuras” representadas pelo implícito do seu passado, as quais geraram “tanta inconseqüência” – “confrontos com adversários”.

L.F. “joga” com o implícito, para apresentar o explícito, mostrando que os fatos e lembranças recuperados estão associados às condições da vida presente:

“A violência sempre foi uma constante na minha vida. Não que eu a procurasse, mas sim que não procurava evitá-la. E ela sempre me cercava. Não me lembro quantas vezes fui cortejado pela morte durante toda minha vida. Só sei que foram muitas”.

No mesmo texto, reflete sobre os fatos e se expõe, com sinalizações que levam o leitor a entender que, apesar de as lembranças recuperadas estarem associadas à sua situação atual, não centra nos fatos que elas resgatam a culpa de ele estar detido numa penitenciária:

“A conclusão depois de tanto sofrimento é que eu não devia ter escolhido este tipo de vida”.

Sente-se ser humano e cidadão:

“Não foi pra isso que eu nasci”.

L.F. procura interagir, agora não só com o professor, mas com o mundo que está dentro e fora da prisão. Neste que, por “milagre”, ainda espera viver. Demonstra ter consciência de sua situação e dos anos que têm ainda que ficar em reclusão:

“Hoje ainda me restam alguns sonhos e muita esperança..

Prefiro acreditar num milagre. Num milagre daqueles bem grandes. Daqueles que Deus só faz de mil em mil anos, pois o meu destino não é só isso”.

L.F. envolve-se com a linguagem. O seu texto organiza-se por um esquema narrativo,

em que se insere como personagem e narrador, valendo-se de seqüências argumentativas, marcadas pela relação causa e efeito: *“Tem sempre uma coisa boa para acontecer na vida da gente e creio que sobre mim ainda se falarão coisas bonitas”*; descritivas, marcadas pela enumeração de algumas de suas qualidades ou características, seguidas por um comentário visando ao convencimento: *Tenho uma boa cabeça e alguns méritos. Um deles é nunca me deixar derrotar.*

E ressignifica-se consciente e apostando nos sonhos:

“A violência sempre foi uma constante na minha vida”...

“Hoje ainda me restam alguns sonhos e muita esperança... Prefiro acreditar num milagre.

“Acredito que lá em cima deve haver alguém que goste muito de mim”.

“(...) meu filho (...) Um dia quem sabe, ele fale aos filhos dele sobre mim. Espero que seja complacente comigo”.

2.3 – A escrita e a ressignificação da identidade do sujeito em situação de reclusão.

Na aproximação dos dois textos, percebe-se uma transformação marcada pela evolução e revolução de formas de representação, já que no segundo L.F. questionou, dialogou, refletiu, planejou. Valeu-se de experiências de leitura e de escrita que tinha acumuladas no seu repertório e expandiu-as em prol de uma produção textual que cumpre a sua função social de interagir com o outro.

O texto 2, aparentemente menos “rico”, revela um autor mais espontâneo, mais voltado para o leitor e para o contexto de produção e de circulação de seu texto.

3 – Conclusão

A visão de texto como espaço de interação entre os sujeitos e de ensino como processo desencadeado por atividades compartilhadas pelos sujeitos – alunos e professor – orientou as oficinas de leitura e de produção textual, desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá.

Coerentes com as teorias lingüísticas e literárias que embasaram as oficinas, assim como o projeto nas quais se inserem, procuramos compreender o homem em sua relação com a linguagem e o texto literário como importante para a sua formação.

Na análise dos textos de L. F., consideramos os seus conhecimentos prévios e a relação que estabeleceu com o assunto abordado em cada processo de produção: a adequação do conteúdo temático às estratégias de organização textual; a adequação destas à situação e às concepções de ensino, de língua e de linguagem; as circunstâncias em que se desencadeou o processo de produção textual. Só assim pudemos compreender a seleção vocabular, as relações estabelecidas entre o autor, o texto e o leitor, valorizando as formas de escrever, sem, contudo, desconsiderar as normas que regem a língua escrita.

Na fase da reescrita, mesmo sem ser este o objetivo último do projeto, ocorreu a correção formal mediante a reflexão sobre a funcionalidade da língua, mediada pelo professor. Por isso, foi a fase que “coroou” o processo, já que nela as discussões sobre os textos produzidos, realizadas em grupo e, quando

necessário, individualmente, permitiram-nos observar e compreender a ressignificação da identidade estabelecida pelos sujeitos envolvidos, pelo acesso e compreensão de um novo conceito de texto, de leitura e de escrita. Por isso, os sujeitos compreenderam que os textos devem funcionar socialmente, adequando-se à situação e ao leitor, bem como compreenderam que o texto escrito tem especificidades que o diferenciam da oralidade. Passaram, assim, a estabelecer uma nova relação com a literatura, com a linguagem, com o leitor e, conseqüentemente, consigo mesmo.

Concluimos, acreditando que desenvolver atividades compartilhadas de leitura e de escrita no interior de uma prisão permite-nos entender porque os textos são espaços onde é possível ressignificar a vida.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. – Literatura e Sociedade. SP; Editora nacional, 1985.

KOCH, I. V. – O texto e a construção dos sentidos. 6a. ed. SP: Contexto Editora, 2002.

LITERATURA, LEITURA E ESCRITA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO SOCIAL. Projeto de pesquisa coordenado pelas professoras Alice Áurea Penteado Martha, Marilurdes Zanini, Maria Céli Beraldo Pazini, Clarice Zamonaro Cortez e Rosa Maria Graciotto Silva – Universidade Estadual de Maringá, 2006/2007.